

## **A EXTENSÃO DOS SEGUNDOS**

**Alexandre Moraes**

falo a língua das embalagens. preciso fazer respirar: cotidianos: símbolos: embalagens, verdades.

recodificar, despejar: fazer tudo ressoar. abrir embalagens dentro de embalagens. implodir e ouvir o

ruído. tomar um braço de palavra. resistir ao imenso movimento da miséria: preciso construir

circuitos: intensificar: ingerir: (recolher) implosões sob a pele: redistribuir os gestos e tudo isto será

dito como num desejo: o barco ligado ao sentido será a procura da respiração boiando sobre todas as

coisas. preciso fazer tudo respirar, ser e reter uma língua: ter sentido \_\_\_\_\_ não sinto a mais fazer

respirar como me tocam: sinto e isto é: fazer respirar. absorvo superfícies plásticas de fantasmas

(talvez o poema): vou ao supermercado: recolho as palmas na claridade das zonas de conflito e

submersão: recolho: respiro ∞ preciso não ser preciso nem precisar: destilo o movimento no dia,

reinscrevo um cotidiano como fruta ou mundo na luminosidade contida e indefinida das coisas

**o poema só nos diz do que não toca.** nunca mais ver um amor que se fez, inclusive, contra a vontade da tempestade, é como estar na casa, na solidão da casa e isto todo amor nos devolve como uma palavra sempre alheia e sempre presente. viver em resíduo, atravessar em farrapos a lisura do silêncio e saber derramar-se em água pura com os fios de aço da dor nas mãos.

uma  
palavra  
crua  
sem  
toque  
ou  
torque  
uma  
palavra  
só  
sentido  
uma  
que  
nunca  
tenha  
sido  
uma  
palavra

(o resgate

só poderá ser

do que

como

a fúria

permanece

intacto)

não deter nada  
sons vocais festa ou silêncio mas  
a extensão dos segundos como  
matéria de todos os passos

**sistema deste trajeto:** tocar a pele incandescente em exata chuva sobre os dias. tocar o rosto leve sobre a noite que se esvai. saber-se distante, nunca dentro nunca fora, mas reter a dor de todo esquecimento, reter a dor de nunca provar o que se vai, o que se coloca como intensidade do exercício da chuva e dos olhos que se apagam diante dos cerrados labirintos do sangue em seu cego correr pela noite no meio do tempo de estar vivo. no sistema deste trajeto exercitar a pele das coisas e do amor esquecido numa tarde qualquer entre o desejo e o olho incandescente que toca o mundo.

o corpo se esvai  
no exercício  
impuro da camisa  
dos sapatos  
e óculos

perder: uma razão, um sentido, uma possibilidade/ a todo momento perdemos/ como saber-se no corpo que se esvai/que se perde e transforma não em pó mas em substância destilada que se evola/como manter o sabor do corpo e dos sentidos de cada gesto quando a cada instante não há tempo?/como continuar no exercício impuro dos dias tão sujos/os dias imundos cheios de cascalhos/propagandas e coisas acumuladas/intensidades desfeitas: perder: fazer respirar é como tornar à água/perder tudo, a casa, os corpos, os sentidos, os dias, as noites, destilar um sol imenso sobre a atenção fixa nos dias e nas noites que podem ser interrompidas. perder: uma forma de estar: uma forma de escrever no vidro inseguro de cada dia. penetrar no mundo como quem morde uma fruta/acumular sentenças ser o personagem/ser a própria estória dos corpos esvaídos/sentir o desejo imenso latejando sobre os corpos/refazer linhas/imagens colocadas em cada exercício/tudo é exercício.

**método deste desejo:** consumir os resíduos, devorar os farrapos, estabelecer passagens e perceber a sucessão dos dias, a sequência de todas as chuvas que ficaram perdidas sem ar. nada a mostrar, tudo a dizer, enviar sinais, esperando respirar com todos os riscos e aviar sinalizações de emergência, respirar. integrar o hálito dos hábitos e detonar bombas, digerir toda a poluição dos desejos e de cada método de estar vivo. nadar. insistentemente nadar como ouvindo sons, sabendo a falência deste amor pelo mundo, inventar e inventariar todos os caminhos, métodos, de sobrevivência diante da miséria, da guerra que grita e elimina o corpo e o motivo do suicídio e do assassinato, do amor roído que se espalha pelas caras nas ruas, nos bares, bazares, rimas e acidentes de palavras, naufrágios sem sinalizações de intensidade.

talvez, evitar o método, o caminho

(e os fios de aço de toda história)

## **sistemas de transmissão sob céu retorcido**

[00001]

### **paisagem:**

não há tempo  
enterrada no ar

nos trens  
não toco a polpa descascada do tempo  
e dos sistemas de transmissão

fora da casa  
engolida por vozes  
não fumo  
mas  
derrubo os olhos  
mato  
não há tempo para fugir  
devoro as frutas e as pernas

[000002]

### **nos trens**

enlaçam pernas todas da mesma cor  
passam muros caras traçam olhos  
todos da mesma dor sem cor  
mastigo pedaços de ferro e ar entre os destroços

[000 003]

**suturar:**

o azul de um possível céu retorcido

[000 004]

**transmissão:**

sei que tenho o tempo consumido

pelas ruas

sou apenas uma dessas caras desconectas no meio do tiroteio

[000 005]

**desfragmentar:**

tomo comprimidos que roubo numa farmácia

arrasto drogas de um miserável qualquer

apresso nas costelas as pernas que surgem em queda

não há tempo

no tempo passam cores todas da mesma cor

[000006]

**conectar:**

uma a uma sobre o dia a noite interrompida

[000007]

**ambientações:**

não tenho paisagem  
mas um gole de tempo  
devoro os dentes ferozes que me olham de  
dentro de caras como quem mastiga

[000008]

**sistemas de transmissão em céu retorcido:**

uma palavra antes de estar nas cascas de todo dia

[000009]

**instalar:**

passam mãos dedos unhas pedaços de  
pernas detritos de olhos e de dentes

[000010]

**navegar:**

passam caras que vou mastigando  
recortada no labirinto de ruas tiros sentidos e palavras apagadas  
na beirada das calçadas as caras que não chegam a rosto

[000011]

**direção:**

a chuva

não posso fabricar nenhum horizonte nem perguntar nada

não há tempo, mas balas

passam pedaços de sol e de céu nenhuma cara me toca

[000012]

**ver:**

impossível não tocar esse mínimo pedaço

em golfadas arrebetadas em sangue

impossível não tocar com mãos plásticas esse nódulo quente

em levezas borbulhas estripadas em um céu retorcido de azul

[000013]

**tocar o tempo**

ossifica as caras e os sentidos a noite e a respiração bebida

que surge pela tempestade desajustada sobre as ruas imensas

cobertas de aço e caras

de um ao outro como uma chuva sem lados

seguro com os lábios os fios e as

pontas da água que se infiltra

pelos ossos pelo algodão sujo das roupas

sinto latejar os dedos

as caras somem engolidas

desfabricadas

diante de fios de olhos

detritos de sentido

nas coisas, luas e incêndios



retidos ao controle do dia  
silencioso  
de direções  
instalado como uma palavra  
no centro da mão  
dos ossos e músculos depredados na circulação do sangue  
de tanta rua  
tanto resquício de olho

[000014]

**instalar:**

não há silêncio que me cubra  
não tenho paisagem que me configure  
sei apenas das direções que eu não sei

[000015]

**contabilidade:**

**da noite e das conexões interrompidas** que eu não toco  
sei do que não vejo quando vejo  
inventariar uma insistente coisa tocando as mãos as pernas os olhos  
fatias fartas de ar de fôlego de lâminas na miséria indomável da crueldade mais  
pura  
que se debate entre os trilhos invisíveis do que vejo e não posso fazer circular  
tenho apenas frascos do que sinto e  
o que sinto é sobretudo o que me deixa  
o que não mais tempo  
e sei que perdi a casa as caras  
sei que jamais fui tocada como uma possibilidade  
no meio da instabilidade das sobras e das direções que não tomo  
me estendo um segundo um corpo um detrito de perna e de sexo

sei que tudo isto pode ser a avenida mais crua mais insistente  
sei em nuvem em solidão em sangue

[000016]

**ambientações para design:**

aqui  
na enxurrada de caras línguas e sistemas

[000017]

**em qual**

**língua posso entrar e sair como quem entra num vagão de metrô?**

em qual

língua posso me escutar e saber que escuto algo?

em qual

língua posso me dizer alguma coisa e saber que ainda posso

beber o líquido venenoso que escorre de todas as coisas?

[000018]

**o tempo:**

nítido horizonte onde ladrões, rufiões,  
enganadores com deuses de moeda corrente  
entram no vagão e retiram a máquina  
que produz bolas de medo e tempo

[000019]

**na desmesurada noite insurgente**

interrompo e te vejo sob os ares pesados da liberdade  
que não atesta nem presta para correr ao encontro do fogo  
que corre surdo ao amanhecer  
e no amanhecer sou apenas esse fio de tempo  
surgindo pela noite interrompida  
estendida  
bebida  
consumida  
apenas esse ar que entra e sai sem saber e sem gosto de direção

[000020]

**a direção:**

não me venha com uma não me venha com duas  
não me venha com três ou quatro  
a direção é esta aqui mesma  
esta que não toco que me mantém em suspenso  
como uma mulher aos 40 dias de todo sangue escorrido  
de toda noite que me extraio  
sobre a impossibilidade mais que possível não te pergunto  
sei que me reservo sobras e sei que do sol  
terei apenas uma lembrança insurgente sobre a noite  
sei que você jamais me fala nada  
um nada que seja que esteja que lateja  
insinuando um sentido  
sei que me mantém como com o ouvido  
num fone esperando o vendedor de telemarketing  
atirar e arrematar as palavras sobre a orelha fria  
a liberdade e os vídeos as artes e as caras que me saem do tempo

[000021]

notas para construção de sistemas de transmissão:

**não há tempo**

mas sei que toco algo

com os dedos pegajosos

com as palavras escorrendo de cada coisa sem significar

[000022]

**estender os olhos:**

na lua mais constricta

abro a manhã como quem sabe que deve tomar uma direção

o gosto fresco do sangue de alguma coisa

que possa ser a si dita e a si feita aqui

feita sentido signo de uma noite

uma tarde um dia

um amor tão imenso recortado de tudo mais

amor intacto a não ser nas sobras de tempo

esse amor simples

amor pelas coisas por

essa impossibilidade

esse poema desenhado na parede intransigente

de todas as horas que não posso tocar

esse poema feito de sangue carne osso e destino

mas não em tempo e no tempo que me insiro

assim essa louca perambulando caminhando pelas ruas

depois de ter rasgado o vestido vivo e ter comido a ausência

mais pura mais decantada de tudo em deslize

o som mais finito das lágrimas caindo

com o frescor do que se acredita poesia

e do que se instala como uma cadeira um garfo diante

e ao toque da mão

[000023]

**percorro a cidade**

como quem

no centro da queda

sei que não há tempo

ou informação adicional

---

**ALEXANDRE MORAES** é carioca, professor da Universidade Federal do Espírito Santo. Publicou: PREPARAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CHUVA (Aves de Água, 2010), A SEQUÊNCIA DE TODOS OS PASSOS (Confraria do Vento, 2009), PAISAGEM SOBRE CORPO EM SILÊNCIO (FLOR&CULTURA, 2008), COISAS QUEBRADAS (SECULT, 2005) PEQUENOS FILMES SOBRE O CORPO (IHGES, 1997), OBJETOS COM NOMES (EDUFES, 1995), PRA-TO DO TODO DIA (Corações tropicais edições, 1982). A sair, pela Aves de Água: PINTURA PARA PRIMEIROS BARCOS (OU O LIVRO DAS IMPLOSÕES). Contato: [alexandremoraes@alexandremoraes.net](mailto:alexandremoraes@alexandremoraes.net).